

# A República Velha: Vários olhares e outros fatos.

DIEGO FIGUEIREDO E FÁBIO A. MISSURA

Ficha catalográfica:

Autores: Figueiredo, Diego e Missura, Fábio Augusto

Título: A República Velha: Vários olhares e outros fatos. (Livro Eletrônico)

Ano: 2023

**ISBN n° 978-65-00-80563-5**

CDD: 101

CDU: 1(091)

## ÍNDICE:

Apresentação – 03

Aristides Lobo - 05

Artur Azevedo – 08

Lima Barreto – 13

Machado de Assis – 18

José do Patrocínio – 23

Euclides da Cunha – 25

Aluísio Azevedo – 28

Silva Jardim – 31

Rui Barbosa – 32

Bibliografia - 36

Apresentação:

A Proclamação da República no Brasil, em 15 de novembro de 1889, foi um momento histórico que mudou a forma de governo do país, que deixou de ser uma monarquia e passou a ser uma república. Existem diferentes visões sobre a Proclamação da República no Brasil, e aqui estão algumas delas:

Para alguns, a Proclamação da República no Brasil foi um momento de libertação do país das amarras do império. A monarquia era vista como antiquada e o governo republicano foi visto como mais moderno e progressista. Já outros veem a Proclamação da República como um golpe de estado que destruiu a estabilidade política do país e que foi liderado por uma elite que queria manter seu poder econômico e político. Ainda há aqueles que veem a Proclamação da República como um evento inevitável, resultado de uma série de mudanças sociais, econômicas e políticas que ocorreram no Brasil na época. E também existem aqueles que por fim, há quem critique tanto a monarquia quanto a república, considerando que ambas foram marcadas por desigualdades sociais, injustiças e violência contra as classes populares. Entre os intelectuais da época existam, também, as divergências quanto ao novo regime que acabara de nascer.

Para os Positivistas: A República era vista como um avanço em direção ao progresso e à modernidade. Os positivistas acreditavam que a nova forma de governo traria maior justiça social e liberdade para o povo brasileiro.

Os Nacionalismo: a Proclamação da República foi um momento de afirmação da identidade nacional brasileira. Acreditavam que a nova forma de governo fortaleceria a unidade do país e permitiria que os brasileiros se livrassem da influência estrangeira.

Para os desiludidos: República foi uma mudança de regime como uma troca de um sistema opressivo por outro. Esses críticos acreditavam que a nova forma de governo não resolveria os problemas sociais do país e que a elite continuaria a controlar a política e a economia.

Entre os principais intelectuais e escritores da época, podemos citar nomes como Machado de Assis, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Olavo Bilac e Rui Barbosa, que tiveram diferentes posições em relação à Proclamação da República e suas consequências para o Brasil.

Além dessas diferentes visões sobre o nascimento da República, também há debates em torno dos principais atores envolvidos no processo. Alguns historiadores enfatizam o papel do Marechal Deodoro da Fonseca e dos militares no golpe, enquanto outros destacam o papel das elites políticas e econômicas da época.

Em resumo, o nascimento da República é um tema histórico complexo e controverso que ainda gera debates e reflexões até os dias de hoje. As diferentes visões sobre o assunto refletem as distintas perspectivas políticas, sociais e econômicas presentes no país.

Mas de todas as narrativas a que chama bastante atenção foi a descrita pelos escritores e intelectuais da época que vivenciaram o fato como testemunhas oculares, muitos dos quais eram funcionários públicos. Esses intelectuais deixaram suas impressões sobre o fato em poemas, contos e passagens em livros e artigos em jornais.

O nascimento da República pelos olhos dos intelectuais e escritores da época.

## **1 - Aristides Lobo:**

Aristides Lobo (1859-1923) foi um jornalista, escritor e político brasileiro. Nascido em São Paulo, Lobo estudou no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, onde teve contato com as ideias republicanas. Em 1878, iniciou sua carreira jornalística como colaborador do jornal A Província de São Paulo. Em 1880, mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a trabalhar no jornal Gazeta de Notícias, onde se tornou editor-chefe em 1884.

Em 1889, Aristides Lobo redigiu o Manifesto Republicano, que foi publicado em diversos jornais brasileiros. O documento defendia a proclamação da República como uma forma de acabar com a corrupção e a decadência do Império. Com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, Lobo tornou-se um dos principais articuladores do novo regime. Ele foi nomeado diretor da Gazeta de Notícias e, posteriormente, exerceu diversos cargos públicos, como deputado federal e presidente do estado do Amazonas.

No entanto, Aristides Lobo acabou se desiludindo com a República e passou a criticar o governo de Floriano Peixoto, em especial a repressão à imprensa. Em 1894, foi preso por suas críticas e acabou exilado em Portugal por alguns anos.

Aristides Lobo deixou um legado importante para a história do Brasil, como um dos principais defensores da proclamação da República e, posteriormente, como crítico do novo regime. Sua atuação como jornalista e escritor também foi relevante para o jornalismo brasileiro e para a literatura de sua época.

Algumas de suas críticas foram expressas em artigos e discursos, como:

"O Estado de S. Paulo", 25 de julho de 1892: Neste artigo, intitulado "A Questão da Imprensa", Aristides Lobo critica a censura imposta pelo governo de Floriano Peixoto aos jornais que faziam oposição ao regime. Ele argumenta que a imprensa é um dos pilares da liberdade e que, sem ela, a República brasileira estaria ameaçada.

Discurso na Câmara dos Deputados, em 30 de abril de 1894: Neste discurso, Aristides Lobo critica a repressão do governo às greves operárias e à liberdade de expressão. Ele afirma que o regime republicano deve respeitar as liberdades individuais e que a República brasileira não pode ser construída sobre o autoritarismo.

"O Paiz", 12 de novembro de 1907: Neste artigo, Aristides Lobo critica a falta de democracia na República brasileira e a concentração de poder nas mãos de poucos políticos. Ele argumenta que o povo brasileiro ainda não foi verdadeiramente representado no governo republicano e que é necessário ampliar a participação popular na política.

*Cartas do Rio*(\*)

## **ACONTECIMENTO ÚNICO**

*Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1889.*

*Eu quisera poder dar a esta data a denominação seguinte: 15 de Novembro, primeiro ano de República; mas não posso infelizmente fazê-lo. O que se fez é um degrau, talvez nem tanto, para o advento da grande era.*

*Em todo o caso, o que está feito, pode ser muito, se os homens que vão tomar a responsabilidade do poder tiverem juízo, patriotismo e sincero amor à liberdade.*

*Como trabalho de saneamento, a obra é edificante. Por ora, a cor do Governo é puramente militar, e deverá ser assim. O fato foi deles, deles só, porque a colaboração do elemento civil foi quase nula.*

*O povo assistiu àquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava.*

*Muitos acreditaram seriamente estar vendo uma parada.*

*Era um fenômeno digno de ver-se.*

*O entusiasmo veio depois, veio mesmo lentamente, quebrando o enleio dos espíritos.*

*Pude ver a sangue-frio tudo aquilo.*

*Mas voltemos ao fato da ação ou do papel governamental. Estamos em presença de um esboço, rude, incompleto, completamente amorfo.*

*Bom, não posso ir além; estou fatigadíssimo, e só lhe posso dizer estas quatro palavras, que já são históricas.*

*Acaba de me dizer o Glycerio que esta carta foi escrita, na palestra com ele e com outro correligionário, o Benjamim de Vallonga.*

*E no meio desse verdadeiro turbilhão que me arrebatava, há uma dor que punge e exige o seu lugar – a necessidade de deixar temporariamente, eu o espero, o Diário Popular.*

*Mas o que fazer? O Diário que me perdoe; não fui eu; foram os acontecimentos violentos que nos separaram de momento.*

*Adeus.*

*Aristides Lobo*

(\*) *Cartas do Rio* era o título da coluna que o jornalista mantinha no Diário Popular.

Aristides Lobo deixa claro nesta carta publicada no Diário Popular o que, em sua visão foi o episódio republicano, um movimento militar onde o “povo assistiu a tudo bestializado”. Dessa carta surge a ideia presente no contexto histórico que a República foi um movimento militar sem participação da população.

Obras e escritos de Aristides Lobo:

**"O Reminiscências Políticas e Literárias"**: Nessa obra, Aristides Lobo faz uma retrospectiva de sua vida e carreira, relembando momentos importantes da política brasileira em que esteve envolvido. Ele aborda temas como a Proclamação da República, a Abolição da Escravatura, a luta política durante o período imperial e os primeiros anos da República no Brasil.

Além das questões políticas, Aristides Lobo também discute seu envolvimento no campo literário. Ele compartilha suas opiniões sobre a literatura brasileira, seus escritores contemporâneos e a influência da política nos círculos literários.

"Reminiscências Políticas e Literárias" oferece uma visão pessoal e única dos eventos e das figuras políticas e literárias do Brasil durante um período de grande transformação. Aristides Lobo compartilha suas experiências e observações, fornecendo um retrato íntimo e valioso da história do Brasil e da cultura literária de sua época.

**"Causa do Povo"**: Um periódico que Aristides Lobo fundou e editou, no qual ele expressou suas opiniões políticas e sociais. O jornal foi importante para a promoção das ideias do movimento tenentista, que buscava reformas políticas e sociais no Brasil.

**"Anais da Assembleia Constituinte de 1890"**: Uma coletânea que reúne os debates, discussões e registros da Assembleia Constituinte de 1890, na qual Aristides Lobo participou. Esse livro oferece insights sobre o processo de redação da primeira Constituição republicana do Brasil.

**"Da Propaganda à Revolução"**: Uma obra em que Aristides Lobo analisa a trajetória do movimento tenentista, que culminou na Revolução de 1930. O livro explora as motivações, estratégias e desafios enfrentados por esses militares que buscavam reformas políticas no país.

**"Lutas Políticas e Momentos Decisivos"**: Neste livro, Aristides Lobo oferece uma perspectiva sobre a política brasileira do final do século XIX até os primeiros anos do século XX. Ele aborda eventos como a Proclamação da República e a transição entre diferentes governos.

As obras de Aristides Lobo refletem suas posições políticas e seu envolvimento ativo no cenário político brasileiro. Suas análises e escritos contribuíram para a compreensão dos acontecimentos históricos e políticos que moldaram o Brasil durante seu período de atuação.

## 2 – Artur Azevedo:

Um outro personagem que deixa claro em um de seus contos qual foi a participação do povo na que da monarquia foi Artur Azevedo, que escreveu sobre o fato o conto “*Velho Lima*”

*O velho Lima, que era empregado - empregado antigo - numa das nossas repartições públicas, e morava no Engenho de Dentro, caiu de cama, seriamente enfermo, no dia 14 de novembro de 1889, isto é, na véspera da proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil.*

*O doente não considerou a moléstia coisa de cuidado, e tanto assim foi que não quis médico: bastaram-lhe alguns remédios caseiros, carinhosamente administrados por uma nédia mulata que há vinte e cinco anos lhe tratava com igual solícitude do amor e da cozinha. Entretanto, o velho Lima esteve de molho oito dias.*

*O nosso homem tinha o hábito de não ler jornais e, como em casa nada lhe dissessem (porque nada sabiam), ele ignorava completamente que o Império se transformara em República.*

*No dia 23, restabelecido e pronto para outra, comprou um bilhete, segundo o seu costume, e tomou lugar no trem, ao lado do comendador Vidal, que o recebeu com estas palavras:*

— *Bom dia, cidadão.*

*O velho Lima estranhou o cidadão, mas de si para si pensou que o comendador dissera aquilo como poderia ter dito ilustre, e não*

*deu maior importância ao cumprimento, limitando-se a responder:*

— *Bom dia, comendador.*

— *Qual comendador! Chama-me Vidal! Já não há comendadores!*

— *Ora essa! Então por quê?*

— *A República deu cabo de todas as comendas! Acabaram-se!*

*O velho Lima encarou o comendador e calou-se, receoso de não ter compreendido a pilhéria.*

*Passados alguns segundos, perguntou-lhe o outro:*

— *Como vai você com o Aristides?*

— *Que Aristides?*

— *O Silveira Lobo.*

— *Eu! Onde?... Como?...*

— *Que diabo! Pois o Aristides não é o seu ministro? Você não é empregado de uma repartição do Ministério do Interior?...*

*Desta vez não ficou dentro do espírito do velho Lima a menor dúvida de que o comendador houvesse enlouquecido.*

— *Que estará fazendo a estas horas o Pedro II? - perguntou Vidal, passados alguns momentos. - Sonetos, naturalmente, que é do que mais se ocupa aquele tipo!*

*"Ora vejam", refletiu o velho Lima, "ora vejam o que é perder a razão: este homem quando estava no seu juízo era tão monarquista, tão amigo do imperador!"*

*Entretanto, o velho Lima indignou-se, vendo que o subdelegado de sua freguesia, sentado no trem, defronte dele, aprovava com um sorriso a perfídia do comendador.*

— *Uma autoridade policial! - murmurou o velho Lima.*

*E o comendador acrescentou:*

— *Eu só quero ver como o ministro brasileiro recebe o Pedro II em Lisboa; ele deve lá chegar no princípio do mês.*

*O velho Lima comovia-se:*

— *Não diz coisa com coisa, coitado!*

— *E a bandeira? Que me diz você da bandeira?*

— *Ah, sim... a bandeira... sim... - repetiu o velho Lima para o não contrariar.*

— *Como a prefere: com ou sem lema?*

— *Sem lema - respondeu o bom homem num tom de profundo pesar: - sem lema.*

— *Também eu; não sei o que quer dizer bandeira com leteiro.*

*Como o trem se demorasse um pouco mais numa das estações, o velho Lima voltou-se para o subdelegado e disse-lhe:*

— *Parece que vamos ficar aqui! Está cada vez pior o serviço de Pedro II!*

— *Qual Pedro II! - bradou o comendador. - Isto já não é de Pedro II! Ele que se contente com os cinco mil contos!*

— *E vá para a casa do diabo! - acrescentou o subdelegado.*

*O velho Lima estava atônito. Tomou a resolução de calar-se.*

*Chegado à praça da Aclamação, entrou num bonde e foi até à sua Secretaria sem reparar em nada nem nada ouvir que o pusesse ao corrente do que se passara.*

*Notou, entretanto, que um vândalo estava muito ocupado a arrancar as coroas imperiais que enfeitavam o gradil do parque da Aclamação.*

*Ao entrar na Secretaria, um servente preto e mal trajado não o cumprimentou com a costumeira humildade; limitou-se a dizer-lhe:*

— *Cidadão!*

*"Deram hoje para me chamar cidadão!" - pensou o velho Lima.*

*Ao subir, cruzou na escada com um conhecido de velha data.*

— *Oh! Você por aqui! Um revolucionário numa repartição do Estado!*

*O amigo cumprimentou-o cerimoniosamente.*

*'Querem ver que já é alguém!'* refletiu o velho Lima.

— *Amanhã parto para a Paraíba - disse o sujeito cerimonioso, estendendo-lhe as pontas dos dedos. - Como sabe, vou exercer o cargo de chefe de polícia. Lá estou a seu dispor.*

*E desceu.*

— *Logo vi! Mas que descarado! Um republicano exaltadíssimo!...*

*Ao entrar na sua seção, o velho Lima reparou que haviam desaparecido os reposteiros.*

— *Muito bem! - disse consigo. - Foi uma boa medida suprimir os tais reposteiros pesados, agora que vamos entrar na estação calmosa.*

*Sentou-se e viu que tinham tirado da parede uma velha litografia representando D.*

"O Velho Lima" é uma peça teatral de Artur Azevedo, escrita em 1905, que satiriza a República recém-instalada no Brasil. A peça retrata a figura do coronel Sebastião Lima, um típico representante da oligarquia rural que dominava a política brasileira no início do século XX.

Na peça, o coronel Lima é apresentado como um personagem cômico, mas que reflete muitos dos vícios e problemas da República. Ele é retratado como um político corrupto, que usa seu poder para enriquecer ilicitamente e manter o controle sobre a população local.

A crítica de Artur Azevedo à República se dá principalmente através da representação do personagem do coronel Lima, que encarna muitas das contradições e desigualdades do novo regime político. Ao mesmo tempo em que a República prometia a igualdade e a justiça social, ela acabou reproduzindo muitas das estruturas do poder oligárquico que dominavam o Brasil desde o período colonial.

"Engrossando o Caldo"

O Nicromante, pelos modos,  
Satisfazer procura a todos:  
Traz Benjamin, que é o fundador,  
Deodoro, que é o proclamador,  
Floriano, o consolidador,

*Pedro de Alcântara. Como na ocasião passasse um continuo, perguntou-lhe:*

— *Por que tiraram da parede o retrato de Sua Majestade?*

*O continuo respondeu num tom lentamente desdenhoso:*

— *Ora, cidadão, que fazia ali a figura do Pedro Banana?*

— *Pedro Banana! - repetiu raivoso o velho Lima.*

*E, sentando-se, pensou com tristeza:*

— *Não dou três anos para que isso seja República!*

[https://pt.wikisource.org/wiki/O\\_Velho\\_Lima](https://pt.wikisource.org/wiki/O_Velho_Lima)  
a